

Paulo VI: uma testemunha em tempos turbulentos

30/10/2014

Maria Clara Lucchetti Bingemer
professora do Departamento de Teologia da PUC-Rio

A bondade adorável de João XXIII, o carisma de comunicador de João Paulo II, o refinamento cultural de Benedito XVI fazem esquecer, às vezes, uma figura discreta e grande que marcou o século XX: Giovanni Battista Montini, o Papa Paulo VI.

Giovanni Montini, que escolheu o nome de Paulo para mostrar a sua missão de propagação da mensagem de Cristo, tornou-se papa em 21 de junho de 1963, tendo sido o primeiro líder da Igreja Católica a viajar pelos cinco continentes e o primeiro a conversar com o líder da Igreja Anglicana e com os dirigentes das diversas igrejas ortodoxas orientais. Os que acompanharam seus gestos não esquecem do momento em que ele beijou os pés do Atenágoras, em sinal de amor e unidade. Paulo VI faleceu em 6 de agosto de 1978.

O papa Paulo VI foi beatificado no último dia 19 de outubro no Vaticano, como parte da cerimônia que encerrou a 3ª Assembleia Geral Extraordinária do Sínodo dos Bispos, cujo tema foi o papel da família. Paulo VI foi o 13º pontífice beatificado pela Igreja Católica.

Em sua intervenção, o papa Francisco destacou Paulo VI como um homem que conduziu a Igreja com sabedoria e visão de futuro. "Paulo VI, em um momento em que estava surgindo uma sociedade secularizada e hostil, soube conduzir [a Igreja] com sabedoria e visão de futuro", ressaltou, durante a homilia da beatificação.

Lembro-me de seu rosto angustiado e devorado pelo zelo e pela preocupação com a Igreja que conduzia. Tocou-lhe o período mais difícil após o Concílio, quando as mudanças realizadas pelo evento conciliar sacudiam a Igreja e ocasionavam defecções entre o clero e crises na vida religiosa masculina e feminina. Os setores mais conservadores da Igreja insurgiam-se, clamavam. Alguns rezavam pela conversão do Papa, crendo que estava louco.

O Pontífice, em pé em meio ao vendaval que sacudia a barca de Pedro, sofria e rezava, buscando o rumo melhor a seguir. Mas permanecia fiel em meio à tormenta. Fiel ao que o Concílio havia decidido. Fiel às novas orientações, necessárias para que acontecesse o indispensável diálogo entre a Igreja e a sociedade secularizada. Fiel à missão que lhe havia sido confiada.

Em meio a todas essas vicissitudes, pensou como ninguém a evangelização. São de sua autoria não apenas a encíclica "Humanae Vitae", que provocou muita comoção entre os leigos e as famílias católicas, com suas orientações sobre os métodos anticoncepcionais, como "Evangelii Nuntiandi", talvez o melhor documento pontifício jamais escrito sobre a evangelização dentro de um mundo secularizado e autônomo.

É dele, em seu parágrafo 4, a frase: "o homem de hoje não escuta mais os mestres. Escuta as testemunhas. E se escuta os mestres, é porque são testemunhas". Ao dizer isso, falava por experiência própria. Pois soube viver sua missão não apenas como quem detém a posse da verdade e a ensina. Mas como alguém que testemunha apaixonada e abertamente aquilo em que crê.

O papa Francisco lembrou ainda como Paulo VI definiu o sínodo, uma forma de "adaptar os métodos de apostolado às múltiplas necessidades do tempo e das condições da sociedade". Ainda segundo Francisco, "Paulo VI soube de verdade

dar a Deus o que era de Deus, dedicando toda a sua vida à tarefa de dar continuidade à missão de Cristo na Terra".

E nós acrescentamos: foi um Papa muito incompreendido em seu tempo, devido às situações ambíguas que devia enfrentar. Soube, porém, ganhar o respeito e a admiração dos fiéis devido à sua coragem e fidelidade. Que seu exemplo possa inspirar-nos nos tempos turbulentos que vivemos. A história faz justiça a Paulo VI. A Igreja também. Beato Paulo VI, rogai por nós!